

Estádios sem mito: cadeiras e esquizofrenia

Gustavo Coelho*

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Resumo: Partindo de alguns relatos etnográficos ao longo de uma pesquisa realizada no cotidiano de torcidas organizadas de futebol, em especial da Torcida Young Flu do Rio de Janeiro e de um grupo de torcedores do Paris Saint-Germain em Paris, este artigo, baseando-se teoricamente em autores que fazem dialogar os campos da antropologia e da psicologia como Durand, Clastres e mesmo Freud e Jung, trata do embate fundamental entre a coletividade da torcida, com todos os sintomas ao mesmo tempo prazerosos e perigosos e sua aparente incompatibilidade aos projetos de Estádios destinados à Copa do Mundo de 2014 no Brasil e à EuroCopa 2016, cujas arquiteturas trazem, camuflada sob um “conforto do torcedor”, sob uma “visão completa de campo”, sob a “cadeira”, uma preferência pela cisão dessas subjetividades táteis em favor de uma objetividade da visão, ou seja, privilegiam um torcedor mais do tipo individual, um torcedor sem mito.

Palavras-chave: torcida, futebol, estádio, antropologia.

Stadiums without myth: chairs and schizophrenia

Abstract: Starting with some reports of my empirical experience during an ethnographical research conducted in the everyday life of football fan groups, particularly the Young Flu Fans of Rio de Janeiro and a group of fans of Paris Saint-Germain in Paris, this article theoretically based on authors who dialogue with the fields of anthropology and psychology as Durand, Clastres and even Jung, addresses the fundamental confrontation between the collectivity of these supporters, with all the symptoms at once pleasurable and dangerous and its apparent incompatibility with projects of the Stadiums for the 2014 World Cup in Brazil and Euro 2016, whose architectures bring, camouflaged under a "comfort of the fans", under a "full view of the field", under the "seats", a preference for splitting these tactile subjectivities in favor of the objectivity of the vision, privileging, in other words, a more individual type of fan, a fan without myth.

Keywords: football fans, soccer, stadium, anthropology.

* Doutor em Educação. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ, área de Educação Estética. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas - FEBF/UERJ. E-mail: coelhoguga@gmail.com

Ritos Iniciais

– Isso aqui é Young Flu, porra! Primeira, viagem? Tem que mostrar que pode, que é guerreiro! – esbravejava um rapaz enquanto batia em seu antebraço com uma força que lhe fazia saltar as veias. – Quem é de primeira viagem? Bora, pode apontando que eu sei que tem um monte aí de primeira viagem – ele dizia enquanto caminhava de um lado para o outro dentro do ônibus. “Uh, é Batizado!”, gritavam em coro os demais. A maioria já se levantava, se escorando na parte alta das cadeiras, de forma a encontrar uma posição que lhes permitisse encarar mais de cima o corredor. Alguns integrantes, claramente mais novos, já se apresentavam, assumindo estarem debutando em viagens com a torcida, deixando transparecer uma vontade de participar do ritual, não sem demonstrar, também, alguma apreensão pelo que viria. Outros, cujo receio suplantava a vontade, se esgueiravam em suas cadeiras e olhavam pela janela, na tentativa de escapar aos olhares dos mais antigos, que nesse momento passeavam pelo ônibus selecionando os que deveriam se submeter ao batizado.

– Você, pode vir que eu nunca te vi aqui! – disse Lula, um dos líderes da organização do batismo, a um menino que estava sentado logo à minha frente.

– Não, porra, eu já viajei já! – ele respondeu com semblante inseguro.

– Já viajou? Foi para onde? – Lula o interrogava, dando-me a impressão de que naquele embate com um mais antigo, já figurava uma parte do ritual de iniciação. Era preciso que, sob tal provocação, o mais antigo fosse enfrentado, mas sem desrespeito. Ou seja, um enfrentamento que deveria demonstrar coragem na argumentação diante do mais antigo, sem, no entanto, pôr em cheque sua posição. Digamos que, tanto o apequenar-se pelo medo, quanto a afronta desmedida sofreriam sanções especiais, sejam de tipo humilhantes, irônicas ou ainda mais dolorosas que as comuns.

– Já sim pô, fui para Volta Redonda.

– Ah, olha só, ele disse que foi para Volta Redonda! – disse Lula rindo. – Isso não é viagem meu parceiro, Volta Redonda é só passeio, pode vir, anda! – com as mãos agarrando a camisa do menino, Lula o conduzia pelo corredor até o fundo¹ do ônibus onde se encontravam os demais já selecionados.

Ao chegarem ao fundo do ônibus, todos eram obrigados a entrar no pequeno banheiro malcheiroso, onde duas pessoas juntas já o tornaria bastante apertado, mas naquele momento havia seis, o que obrigava a duas pessoas forçarem a porta, amassando-os lá dentro, para que fosse possível fechar. Naquele momento, todos já estavam ao longo do corredor, a maioria deles, sentados sobre o suporte para a cabeça das poltronas, ou seja, como disse, encarando o corredor do alto. Os mais fortes, ou os de quem se espera maior intensidade durante os golpes proferidos, se colocaram na extremidade oposta ao banheiro, na parte da frente do ônibus. Pois bem, de um a um, os debutantes iam sendo liberados do banheiro, enquanto os demais aguardavam ainda amontoados lá dentro. Ao sair, o primeiro ficou de pé entre dois homens. O que estava à sua frente lhe fazia perguntas em tom ao mesmo tempo ameaçador e jocoso, o que provocava tanto o receio, quanto o riso do iniciante e dos demais.

– Agora ele vai responder qual é a escalação do Fluminense de 1959! Não sabe, porra?

Eram perguntas absurdas, das quais provavelmente nem o interrogador sabia a resposta. Supostamente, a resposta correta, os livraria das dores do batismo. No entanto, a pergunta era tão somente uma alegoria cômica, cuja função era menos permitir de fato a liberação, e mais ironizar a possibilidade do escape individual frente à incipiente comunhão dolorosa, flexibilizando assim, pelo humor comum ao absurdo, o peso autoritário da obrigatoriedade ritual, no fundo, inescapável. Já o iniciador que se colocava atrás dele, mesmo antes da pergunta ser proferida, parecia prepará-lo com pequenas doses de sofrimento:

– Jiu-Jitsu! Jiu-Jitsu! – anunciava seu algoz. E logo em seguida esfregava com muita força suas mãos sobre as orelhas do rapaz, cujo atrito provocava uma sensação aparentemente

forte de ardência. “Jiu-Jitsu” é uma alusão a uma das artes marciais mais praticadas entre alguns membros da Torcida, e naquele momento servia de analogia às orelhas geralmente deformadas pelo constante atrito do lutador com o tatame.² Portanto, enquanto ele supostamente deveria estar pensando na resposta à pergunta, essa dose de sacrifício freava pela dor sua racionalidade individual, já ironizada pelo absurdo da pergunta. Ao invés de pensar, ele se contorcia e fazia caretas com a ardência nas orelhas. O que estava em jogo era a garantia de entrega ao todo, materializada ali pela significativa dor do atrito, metáfora importante para o iminente “entrar em contato” comum a todo ritual de iniciação, não por acaso dando ao sensível, ao corpo, o protagonismo do acontecimento, e ao mesmo tempo resistindo àquilo que poderia pôr em risco o conjunto, ou seja, evitando a emergência do racionalismo individual e sua conhecida potência de cisão, de isolamento.

Em seguida, os dois desencostam do rapaz, enquanto os do corredor gritam: “Vem! Vem!”. Antes que ele partisse, o mesmo que havia friccionado suas orelhas, chamou sua atenção e disse:



Figura 1 Socos dados durante um batizado

– Se abaixa e protege a cabeça. – passando de algo a alguém que de alguma maneira sabe dos perigos das forças de conjunto em produzir exageros, o rapaz agora lhe dá conselhos,

ajudando-o a se proteger dessas possíveis extravagâncias que, sabidamente, todo conjunto em sua embriaguez, aqui representado pelo corredor, pode vir a cometer.

Lá ia o rapaz, correndo de uma ponta a outra e levando socos, tapas e mesmo chutes, em sua maioria concentrados na zona das costas, do pescoço e nas laterais do tronco, deixando claro que evitava-se alvejar sua cabeça, mesmo que protegida pelas mãos. Pude ver seu semblante. Sua expressão era de dentes à mostra trincados, indicando, a meu ver, mais o ímpeto em aguentar a dor do que o próprio resultado da dor em si. Pois bem, chegando ao final do corredor, Heman, um dos mais fortes do grupo, o travou com sua perna e junto com Lula que estava à sua frente, desferiram os golpes mais contundentes.

“– Ou! Ou! Chega, chega, tá bom!” – reagiram algumas pessoas, freando o ímpeto destrutivo antes que ele alcançasse algum limite que pusesse em risco realmente a integridade do rapaz.

Ele arrumou a blusa, amarrotada após tantos golpes, ergueu a cabeça e respirou fundo, expirando o ar com força, como que retomando o vigor. Afinal, chegar à frente do ônibus não era o fim do ritual. Lula, então, colocou as mãos em seus ombros e disse:

– Está tudo bem? Esse aqui é fortinho hein, esse aqui aguenta. Vai, levanta os braços, levanta os braços. – pediu Lula. Sem entender muito bem, o rapaz virou-se de costas para Lula, de frente para o fundo do ônibus, levantou os braços e achando que era uma benevolência de Lula, uma maneira de ajudá-lo a retomar o fôlego para o retorno pelo mesmo corredor, balançou a cabeça como que alongando o pescoço. Foi quando Lula, pôs a mão em suas costelas e quando parecia que apenas o apoiava, preparando o retorno, lhe deferiu um tapa forte no local e logo em seguida deixou a mão apoiada nas costelas, lhe massageando, prontamente também amenizando a dor. Em reflexo, o rapaz abaixou as mãos e olhou para trás.

– Calma, calma que você é forte. – dizia Lula ironicamente com sorriso no rosto enquanto seguia massageando as costelas.

– Volta! Volta! – gritavam os mesmos que haviam interrompido Heman e Lula anteriormente.

Novamente ele se abaixou, protegeu a cabeça e retornou correndo, recebendo duros golpes de Lula e Heman no começo. Quando chegou à metade do caminho, Heman ainda pendurou-se com as duas mãos nos bagageiros de cada lado do ônibus, fez um pêndulo com o corpo e com os pés acertou o menino que foi projetado rapidamente ao fundo do ônibus, recebendo os golpes pelo caminho, e mais alguns quando chegou finalmente ao fundo.

– Porra Heman, tu é um animal!

– Caralho, Heman é sem noção!

Alguns, dessa forma, reagiram ao exagerado golpe de Heman dado com os pés. Em todo caso, era uma reprovação feita em meio a risos e não verdadeiramente uma condenação total do ato. Parecia que ao mesmo tempo em que sentiam o exagero como potência que podia pôr em risco a harmonia do ritual assim como a saúde vital do iniciante, também sabiam que um exagero ou outro, aqui ou ali, desde que interrompido logo em seguida, tinha um papel paradoxalmente fundamental, especialmente à memória. Melhor dizendo, deixar o exagero correr solto pode dar um fim dramático e até mesmo pôr em risco não só a vida de cada participante, como também a vida do próprio ritual e, portanto, de toda a cultura. Contudo, ao mesmo tempo, gerir sua economia sem, no entanto, extinguir sua existência, dá às suas esporádicas aparições, um lugar todo especial nas futuras narrativas sobre aquele dia e, portanto, na própria garantia da perduração e repetição do batizado a cada viagem. O que fica claro, no que ouvi sendo dito logo em seguida:

– Finalmente estou descontando! Sofri pra caralho na minha vez, você se lembra o que o Leandro fez comigo? – comentava um menino com outro ao meu lado.

Isso se repetiu mais ou menos da mesma maneira com os outros iniciantes, ainda que com um detalhe ou outro naturalmente diferente. No entanto, um episódio ao final me pareceu

cheio de sentidos para a reflexão desses elos subterrâneos que vão sendo construídos sem nem mesmo a consciência dos envolvidos. Durante a passagem do último iniciante, um dos que havia sido logo anteriormente batizado, aproveitou e também bateu no seu companheiro de batismo quando este passou por ele.

– Ei, você está maluco! Quem foi batizado hoje não pode bater em ninguém, ficou louco? – esbravejou Lula.

– Ih, vai ter que passar de novo! – comentou alguém.

– Anda, não tem jeito, vai ter que passar pelo corredor mais uma vez e ainda vai poder levar porrada de todos os outros que foram batizados hoje! – sentenciou Lula.

Guardar na memória a energia da reação aos golpes por algum tempo até uma próxima oportunidade, até uma próxima viagem, parece ser fundamental para manter a trajetória cíclica dessa energia, servindo, por consequência, como mais uma garantia à repetição da tradição e aos elos que a sustentam. Acumular, portanto, a energia do “desconto”, é motor fundamental à continuidade do ciclo, o que justifica o rigor com que seu uso imediato não autorizado pelo recém-batizado, fora prontamente reprimido. Antes ainda do menino voltar ao corredor, Lula anunciou:

– Contra ele é sem dó! – e foram permitidos alguns exageros a mais. Nada que, no entanto, ao final, não fosse dissolvido pelo riso, pelos abraços, e pelo grito de guerra enunciado logo em seguida por todos, prestando homenagem ao que mais importava durante todo o tempo, o fortalecimento do todo, do conjunto:

*Eu sou Guerrilheiro e sozinho mato mil!
Eu sou da Young Flu, a mais temida do Brasil!
Se é pra matar! Se é pra morrer!
A Torcida Young Flu está botando pra foder!
Young Flu! Porra! Young Flu! Porra!
Eu sou, sou da Young, eu sou!
O bicho vai pegar!
E ninguém vai me segurar, nem a PM!*

Canto tradicional que possui versões nas mais diferentes torcidas cariocas e que fora proibido pela Polícia Militar de ser cantado em público, em estádios, justamente por afrontá-la, mas que, talvez justamente por isso, tenha ganhado papel central em momentos de forte comunhão como aquele. Um grito que, portanto, só é ouvido e vivido por eles mesmos, um grito absolutamente íntimo que age como uma espécie de segredo compartilhado em cumplicidade.

Essa cena se passou dentro de um ônibus da Torcida Organizada Young Flu quando fazia a viagem do Rio de Janeiro em direção a um jogo contra o Corinthians na cidade de São Paulo e, a meu ver, mostra bem o investimento que tal cultura faz naquilo que a mantém forte e que, em boa medida, trabalha para sua perduração – o atamento de seus membros entre si e ao todo, ou seja, o torcedor com mito – função que é primordial a todos os rituais dolorosos de iniciação como esses, que são de fato elementares para a antropologia, campo de estudos que nos oferece vasto repertório parecido. Por agora, esse relato já nos serve para pôr luz sobre aquele que é o embate fundamental deste artigo, ou seja, a coletividade impregnada com todos os sintomas ao mesmo tempo prazerosos e perigosos do conjunto agregado pelo mito, como é a cultura das Torcidas Organizadas de Futebol, ao que chamarei aqui, portanto, de torcedores com mito, e sua incompatibilidade aos projetos de Estádios que foram erguidos especialmente para a Copa do Mundo de 2014 no Brasil, cujas arquiteturas trazem, camuflada sob um “conforto do torcedor”, uma preferência pela cisão desses elos, ou seja, por um torcedor mais do tipo individual, um torcedor sem mito, pode-se dizer. Um torcedor que mesmo comungando com os demais a simpatia pelo clube, não desenvolveria com esses, elos permanentes de forças maiores, digo, elos grupais, elos tribais como esses desenvolvidos no dia a dia das Torcidas Organizadas e que naturalmente, como vimos, agem para além do episódico dia do jogo e cujo acesso não se dá pela compra de ingressos, assim como seu rompimento está longe de estar

atrelado à não possibilidade de comprá-lo ou de entrar no estádio, lugar que não passa de um de seus territórios de atuação, importante certamente, mas longe de ser o único.

Tentarei aqui, no entanto, não me deter aos racionalismos dos tipos mecanicistas que vão se limitar a encontrar as causas desses projetos no que lhe há de mais evidente, ou seja, nas questões habituais das quais costuma tratar a sociologia: a diminuição da violência, a elitização do esporte, o controle das multidões, a livre circulação, o conforto individual, ou melhor, aquilo tudo que é tratado como causas objetivas às políticas que antecedem um megaevento, e que são anunciadas como necessárias a uma suposta evolução, a um progresso para o bem do futuro do futebol e da sociedade, mas que a meu ver, assim como todo gesto humano, tem na sua exuberante aparência, em sua hipnótica enunciação discursiva, o véu que encobre aquilo que lhe serve de base epistemológica – o denso reservatório de forças psíquicas que constituem arcabouço coletivo e elementar, o qual, sempre em relação com a biografia subjetiva, serve de plataforma à emersão de nossas atitudes, projetos, falas, gestos, tanto os mais banais, quanto os mais complexos.

Encontro sustentação para isso nas hipóteses de trabalho de dois autores que serão bastante utilizados ao longo deste artigo, um mais para o campo da antropologia do imaginário e o outro expoente da psicanálise que privilegiou o estudo dos arquétipos, do inconsciente coletivo, contrariando a tradição freudiana baseada muito mais na biografia individual: Gilbert Durand e C. G. Jung, cujas afinidades ficam evidentes na quantidade de vezes que o primeiro faz referências ao segundo. Quanto a essa aproximação, dois trechos são eloquentes e me servem de base à maneira como trabalho aqui meus dados empíricos. Primeiramente Durand (2002: 51) em “[...] tomemos como hipótese de trabalho que existe uma estreita concomitância entre os gestos do corpo, os centros nervosos e as representações simbólicas.” E também de maneira aproximada, Jung quando diz:

Talvez pareça supérfluo analisar mais de perto todos esses detalhes. Mas lembremos a constatação [...] de que, quando as pessoas deixam falar seu inconsciente, este

sempre conta as coisas mais íntimas. Sob este aspecto, muitas vezes os menores detalhes se tornam significativos. (JUNG 2011: 60)

Um artigo que por fim pretende, então, encontrar em alguns detalhes empíricos, possíveis pontos de síntese das forças psíquicas atuantes nesse jogo entre a ritualidade tribal do torcedor “com mito”, cujos valores e éticas ficam em desacordo com a relativa preferência pelas cisões desses elos coletivos que podemos perceber em alguns gestos discursivos dos projetos, arquiteturas e políticas de repressão que acompanham hoje, todo megaevento. Questão que já pode ser entendida como um paradoxo, uma vez que ao mesmo tempo em que, como veremos, privilegiam a segurança individual em detrimento da magia criadora e perigosa do coletivo, são também eventos que atraem uma enorme quantidade de pessoas, muito embora também seja significativo o fato de que a quantidade de pessoas de toda parte do mundo que, no caso da Copa e EuroCopa, deslocam-se às cidades sedes, seja imensamente maior do que aquelas que efetivamente entrarão nos estádios, sendo portanto a festa na cidade evento tão importante quanto os jogos, poderíamos arriscar.

Chamo atenção para a maneira como quero pôr em jogo cada uma dessas forças coletivas, sempre interessado mais em suas funções psíquicas e imaginárias do que mecanicistas, ou seja, sem retirá-las da elementar dialogia de forças, estudadas por Durand (2002), entre tudo o que serve à junção, à complexidade, à dobra, ao ambivalente, ao comum, ao sensível, ao corpo, ao coletivo, ao cosmos, à intuição, que ele chamou de *Regime Noturno*, e aquilo que serve à separação, à distinção, à categorização, aos dualismos, à explicação, à racionalidade, à assepsia, ao individual, ao qual Durand deu nome de *Regime Diurno*. Em outras palavras, em Durand, se podemos falar de maneira breve, tanto as forças que juntam quanto as que separam, são tratadas como imperativos antropológicos atuantes na mesma constelação, seguindo em constante inter-relação, às vezes pendendo mais a um lado, às vezes ao outro.

A dor mitologizante

Era dia de jogo do Fluminense contra o São Paulo pelo Campeonato Brasileiro de 2012. Como o Engenhão³ estava sendo ocupado pelo Botafogo, o jogo seria no estádio de um dos principais rivais, o estádio de São Januário, casa do Vasco da Gama. Dessa vez, para conhecer melhor um outro setor importante dentro da torcida, aproximei-me de Marcinho. Marcinho é um garoto novo, com cerca de dezoito anos e que comanda o Patrimônio da Young Flu. Por telefone, conversamos:



Figura 2 Marcinho preparando as bandeiras em Volta Redonda

– Oi Marcinho, tudo bem?

– Tudo bom.

– Então, gostaria de ir com vocês no caminhão do patrimônio ao jogo de hoje, para conhecer mais esse lado da torcida, pode ser?

– Claro pô, chega lá nas Laranjeiras umas 17 horas.

– Perfeito.

Patrimônio é o grupo que cuida e transporta os materiais, as bandeiras, os bandeirões, os bambus, as faixas, os instrumentos de percussão da bateria e eventualmente alguns materiais especiais para festas específicas de cada jogo. Seu local de concentração e partida no Rio de

Janeiro é o próprio clube do Fluminense, nas Laranjeiras, onde, logo abaixo das arquibancadas do estádio, existem pequenas salas especialmente destinadas a algumas Torcidas Organizadas do clube. Um caminhão é fretado, portanto, a cada jogo geralmente em conjunto pela Young Flu, e pela Força Flu, para levar e trazer tudo, situação que circunstancialmente deixa em suspenso, possíveis rivalidades entre elas, ou desloca para pequenas jocosidades alguns sintomas desse flutuante conflito. Dentro de sua caçamba, não vão só os materiais, mas vão também os integrantes dos patrimônios de cada torcida, entre os quais há uma relação bem próxima, haja vista que, se nos estádios, cada torcida ocupa lugares diferentes, ali ambos convivem por mais vezes e até por mais tempo.

Pois bem, com a chegada do caminhão, todo o material fora colocado dentro da caçamba, os tambores ao fundo, as faixas enroladas pelo chão e as bandeiras e seus bambus arrumados na transversal em diagonal para que coubessem e fosse possível fechar a porta. Penso que por conta da rara utilização do estádio de São Januário pelo Fluminense, do, portanto, relativo desconhecimento que a torcida tricolor tem quanto aos seus entornos, do seu mais difícil acesso por transportes públicos e claro, também por, como dizem, ser “área de alemão”, no caso, bairro tradicional da Força Jovem do Vasco, naquele dia havia mais gente, além do habitual grupo dos patrimônios, para pegar carona no caminhão, o que acabou sendo fator decisivo à espontânea eclosão de mais um ritual iniciático que pude presenciar e que é, do meu ponto de vista, assim como o relato anterior, significativo como gesto coletivo do qual parto para desenvolver as reflexões a que me proponho aqui.

Éramos, mais ou menos, dez pessoas, sendo duas mulheres. Cada um se acomodou como podia no caminhão, alguns sentados sobre as faixas, outros apoiados nos tambores, alguns, como eu, sentados no próprio chão e recostados nas paredes da caçamba e outros ainda ficaram de pé se segurando em algumas madeiras que havia nas laterais. As portas foram fechadas e a partir de então estávamos em uma escuridão praticamente total. Era quase

impossível até mesmo enxergar as pessoas, fator que, apesar de sua aparentemente objetiva neutralidade, como podemos ver em Durand (2002: 219), quando trata da noite e da simbologia das trevas, não pode ser menosprezado: “[...] é esse o sentido primordial do célebre poema “Por uma noite obscura”, a noite torna-se, pelo contrário, o lugar privilegiado da incompreensível comunhão, ela é jubilação dionisíaca [...]”. Ou em: “Mais ainda, as trevas são o próprio espaço de toda dinamização paroxística, de toda agitação. O negrume é a própria ‘atividade’, e toda uma infinidade de movimentos é desencadeada pela falta de limites das trevas...” (2002: 92)

Tal característica imaginária das trevas, somada, então, às naturais ansiedades que antecedem um jogo, sem negligenciar a quantidade especial de gente junta em um pequeno espaço, serviu de cenário ideal a um afrouxamento dos cuidados de si, e conseqüentemente, a economia dos gestos deu lugar à fartura do desperdício, abrindo caminho aos exageros que como vimos no início deste artigo, são condicionantes de todo ritual de iniciação, como o que estava prestes a acontecer. Baiano, líder do patrimônio da Força Flu, junto com Marcinho, comandavam zombarias de todo tipo que, se vistas fora daquele terreno de intimidades, poderiam ser encaradas como ameaças à honra individual de qualquer um, mas ali, o movimento de aceitar a desonra da ofensa com bom-humor, assim como ofender quem havia te ofendido, na certeza de que este também teria a capacidade de rir de si, ou seja, desonrar ao mesmo tempo em que aceita ser desonrado, como preço temporário a ser pago para integrar-se aos outros e ao todo, parecia servir como preparação prévia à comunhão que viria em seguida. Em outras palavras, lançando mão de um vocabulário psicológico, cada gesto desses, cada ofensa dessas, já carrega a substância intangível do enigma que une a todos – uma espécie de princípio ativo do todo, a força impessoal que Durkheim já bem descreveu.

Uma espécie de força anônima impessoal que se manifesta em cada um desses seres, sem no entanto, confundir-se com nenhum deles. Nenhuma possui inteiramente e todos dela participam. Ela é independente dos sujeitos particulares em que se encarna, tanto assim que os precede como sobrevive a eles (1996: 190)

Força que, em boa medida, tem muito a ver com o que Jung chamou de inconsciente coletivo e que estaria próximo do que era o *mana* em alguns relatos antropológicos sobre os povos melanésios que ocuparam esses estudos de Durkheim (1996: 197): “O *mana* não está situado em parte alguma de maneira definida, está em toda parte. Todas as formas de vida, todas as eficácias da ação, seja dos homens, dos seres vivos ou dos simples minerais, são atribuídas à sua influência.”

Voltando ao nosso caso, é como se tal substância impessoal, ainda que ininterruptamente atuante, em determinado momento, passada a ser excitada por alguns efeitos do ambiente (o caminhão, o jogo, a torcida, a escuridão, a intimidade, a quantidade de gente), fosse então abrindo espaço no resistente aparato consciente e individual (por meio de zombarias, ridicularizações, alguns tapas e empurrões, e seu molho bem-humorado já mencionado), mais duro ainda em sociedades modernas ocidentais, para ir se “esquentando” até entrar em ebulição no clímax do rito, quando assumiria o protagonismo principal de cada gesto, enquanto o consciente, reprimido temporariamente, assumiria um papel de coadjuvante. Sintetizando, seria o regresso do todo que, misteriosamente contido, na sua integridade, em cada uma das partes, se reencarna, lembrando, de tempos em tempos, a original condição coletiva das partes. Uma forma que foi entendida como elementar para a compreensão da vida religiosa por Durkheim (1996: 265), o que fica evidente quando ele diz que “um ser sagrado se divide e se desdobra, ele está presente, com todos os seus caracteres essenciais, em cada um dos fragmentos entre os quais se dividiu.”

Como já se pode perceber, tal movimentação de forças aparece de diversas maneiras nos autores que me servem de base teórica, seja no campo da psicologia, seja na antropologia, ou na sociologia, especialmente em autores que não respeitaram tão bem a compartimentação dos saberes e souberam enriquecer seus trabalhos com contribuições de cada campo, em sintonia com a própria condição “universal” e “holística” dessa força de base que se nega a se

deixar compartimentar. Por exemplo, Jung (2011: 71), que baseou boa parte de seu trabalho na investigação do que há de mais comum e coletivo na psique humana, quando afirmou ser o inconsciente algo “comum a todos os indivíduos em grau infinitamente maior do que os conteúdos do consciente individual, pois é a condensação do historicamente médio e frequente.”. Nesse sentido, seria então a vinda à materialidade existencial desse inconsciente que, com protagonismo, mas ainda em relativa configuração com a subjetividade de cada um, animaria os gestos que performatizam os rituais de iniciação como o primeiro que narrei e como este que ainda narro. Mesmo em Freud (2011) é possível encontrar interessantes intuições quanto a esse baile de forças. Freud, ao analisar a obra *Psicologia das Multidões* de Le Bon (2008), teve, então, obrigatoriamente que se confrontar com a relativa independência do coletivo em relação ao indivíduo e chegou a dizer: “Diríamos que a superestrutura psíquica, que se desenvolveu de modo tão diverso nos indivíduos, é desmontada, debilitada, e o fundamento inconsciente comum a todos é posto a nu (torna-se operante).” (FREUD, 2011: 20).

Pois bem, voltando ao chão deste trabalho, o clímax estava próximo. Baiano, então, anunciou:

– Porra, tem gente pra caralho hoje, hein? Tem muita gente aí que é a primeira vez que vem no caminhão, tem que ter batizado!

– Uh, é Batizado! Uh, é Batizado! – cantou Marcinho pulando e ligando a sua lanterna do celular para ver melhor os rostos de cada um.

– Bora, quem nunca veio no caminhão, pode ir levantando e vindo para cá. – continuou Baiano.

Alguns que já estavam mais envolvidos nas brincadeiras anteriores, se levantaram voluntariamente, num claro imediato desejo de participar daquilo, de integrar o ritual, agora já claramente anunciado. Enquanto outros, talvez menos íntimos pessoalmente dos demais,

aparentavam um natural receio que, por outro lado, não se transformava em qualquer reação arredia que pudesse pôr em risco sua participação. Pelo contrário, cheguei a ouvir somente algumas interjeições do tipo. “Putá merda, agora fodeu!” por parte de um desses, mas que não representava nem de longe, um desejo real de escapar, somente outro indício da sabedoria para além do Bem e do Mal que rege esses eventos.

– Vamos lá, agora todo mundo tira a camisa que é para sentir melhor, né? – acrescentou Baiano, já que é mesmo aceitando as marcas em si que se prestam essas contas ao todo. Claro, sem deixarmos escapar o que também opera nesse aparente racionalismo da função do dorso nu como necessário às dores, ou seja, a potência teatralizadora do corpo exibido para a excitação do prazer de grupo, para a vibração estética da qual depende todo tipo de ritual. – Um de cada vez... – continuou Baiano.

Foi feita então uma espécie de roda para o meio da qual se dirigiu o primeiro iniciante. Lembrando que não se trata de iniciantes na torcida, já que todos ali eram conhecidos e muito frequentes em todos os jogos. Era uma iniciação ao caminhão do patrimônio, mas que por fim trabalha também para reforçar o vínculo à torcida como um todo, ainda que ali estivessem juntos integrantes de duas torcidas diferentes, mas que naquele momento pareciam mais aproximadas do que nunca. Lá foi o menino sem camisa para o meio da roda, curvou-se um pouco, protegeu a cabeça, utilizando as costas e os ombros como superfície preferencial aos golpes que viriam. Duros tapas, socos, empurrões foram desferidos por todos, sem deixar que o tom escapasse ao cômico, o que assumia papel fundamental. Esse tom, como é característica do humorismo comum às culturas jovens, funcionava como um temperamento que impedia a violência proferida de perder o foco de sua função coletiva, ou seja, servia como resistência ao risco que todo ato violento tem de tornar-se sério, de virar alguma coisa pessoal, ou seja, do soco ser proferido mais pela consciência individual, o que o tornaria mais fragmentador que

agregador. É contra esse risco sempre presente, que a crueldade e a comicidade, parentes mais próximos do que normalmente se imagina, se unem pela elasticidade de suas ambivalências.

– Tá fortinho, hein? Uma carcacinha já! – ironizava Baiano. – Bora, vem o próximo!

E foram se seguindo os demais, a empolgação de todos aumentava, assim como a intensidade da histeria dos corpos, além do volume das vozes, o que acabou chamando até a atenção do motorista que em determinado momento, parou o caminhão para ver se estava tudo bem lá dentro. Pois bem, a prova de que o ritual como mecanismo de atamento atingia ali níveis especiais, viria logo em seguida. A magia na qual foram mergulhados os “novatos”, produziu uma atmosfera atratora de tal maneira forte, que nem mesmo Marcinho e Baiano aceitaram a manutenção segura que seus papéis claramente de maior prestígio lhes conferiam. Desejaram, portanto, a dor da reentrada naquilo que eles já estavam dentro faz tempo. Exatamente quando parecia que o ritual estava encerrado, quando o relaxamento natural já dava seus primeiros indícios, Marcinho disse:

– Eu também quero, bora, podem vir! – anunciou Marcinho para a surpresa de todos.

Tirou o boné, tirou a camisa e foi para o meio da roda que rapidamente se formou. Após os golpes de mesma intensidade que os proferidos anteriormente, e claro uma intensificação do fator cômico, natural a toda inversão de hierarquia como essa, Baiano também não abriu mão de temporariamente pôr em suspensão suas regalias.

– Ah porra, agora eu vou também! – disse ele já caindo para a roda, ao que se seguiram golpes parecidos.

Enquanto isso, um rapaz que estava ao meu lado naquele momento e que já havia participado do batizado, comentou comigo:

– Caralho, hoje vai todo mundo, vai sobrar até para você daqui a pouco! – disse ele, dando provas da óbvia não neutralidade do corpo do pesquisador, àquela altura já também alvo

dos contágios. O todo não queria deixar separado nem o mais separado dos ali juntos – eu. Sorri para ele, sem saber muito bem o que dizer, mas o fato é que a coisa seguiu.

– Porra, se é assim, eu também vou – disse Juliana que estava sentada perto de mim e suspendendo até a limitação de gênero do ritual, levantou-se e foi, ela sim, de blusa, para o meio da roda. Dessa vez, o cômico superou em muito o cruel, e os socos foram, podemos dizer assim, eufemizados em empurrões quase gentis perto dos anteriores e alguns tapas inseguros nos seus ombros. Em todo caso, Baiano, que parecia ser o mais íntimo dela ali, agarrou-a e lhe desferiu uma “banda”, mas como ao mesmo tempo, ele também segurou suas costas com as mãos, ela não chegou a cair, mas foi conduzida a deitar sobre as faixas, tudo isso envolvido em gargalhadas gerais em virtude do que parecia ainda mais inesperado que o batismo de Marcinho e Baiano. Por fim, Mineiro também deitou-se ao lado dela e aos poucos a embriaguez daqueles momentos foi se apaziguando enquanto a viagem seguia.

Pois bem, a partir desses dois relatos já também alimentados por algumas análises teóricas dos campos da antropologia e da psicologia, gostaria de me debruçar sobre a questão da dor e seu papel que me parece fundamental para entender o esquema da junção, cujas aparições, como pudemos ver, tão frequentes no dia a dia das Torcidas Organizadas, as tornam um laboratório rico para perceber o quanto elementos tão antigos de nossa psique seguem atuantes no homem dito civilizado, a despeito de sua resistência em aceitar tão próximo parentesco.

Trato, então, da dor, como elemento cuja importância, a frequência com que aparece nos diversos relatos etnográficos acerca de rituais de iniciação, não nos deixa margem à dúvida. É ela que por fim, muito frequentemente, assume o papel de marcar no sensível, no corpo, um determinado tipo de transformação sociopsíquica, o que fora muito bem dito por Pierre Clastres (2011: 109) ao refletir sobre as crueldades muito mais severas que as que narrei aqui, tão comuns em um largo número de sociedades:

E é exatamente por isso que, em numerosíssimas sociedades sul-americanas, os ritos de passagem comportam provações físicas muito penosas, uma dimensão de crueldade e de dor que faz dessa passagem um acontecimento inesquecível: tatuagens, escarificações, flagelações, picadas de vespas ou de formigas etc., que os jovens iniciados devem suportar em total silêncio; eles desmaiam, mas sem gemer.

A capacidade de sentir dá ao corpo a função de ser uma espécie de panorama da memória das marcas do todo em si, do mito portanto, isso se passarmos a utilizar o “si mesmo” como categoria, já que é sabido que esta concepção encontrava nos antigos forte resistência em ser entendida e vivenciada como a conhecemos hoje. Em todo caso, seguindo com o contato em espiral que vai da mais remota antiguidade aos meus materiais empíricos, não é de forma alguma raro no cotidiano dos jovens com quem convivi, alguém lhe exibir alguma marca corpórea, seja uma cicatriz recente ou antiga, algum calo nas mãos, para, a partir de então, começar a te contar alguma de suas memórias, quanto mais dolorosas e exageradas tanto mais prazerosas de serem narradas também. Sobre esse tipo de ambivalência que põe em desconforto uma concepção simplista e moderna de homem, Nietzsche já fez algumas provocações que nos servem aqui de inspiração, como esta: “Como o homem pode ter prazer no absurdo? Enquanto houver do que rir no mundo, é bem o caso; pode-se mesmo dizer que quase em toda parte onde houver felicidade, há prazer no absurdo.” (NIETZSCHE 2007a: 151).

A dor, e junto com ela, portanto, sua inscrição no corpo, além de claro, sua comum e geralmente espontânea exibição seguida de uma narrativa sobre determinado evento passado, nos sugere um indicativo de sua importância ritualística. Não se trata de uma dor a ser evitada, escondida. Em nada ela te causa vergonha, como fomos acostumados a entendê-la. Pelo contrário, mostrá-la, no nosso caso, nunca é demais repetir, parece funcionar como uma prova de que a comunhão com o todo foi cumprida e mais do que isso, de que o preço por receber a inscrição do todo em si, por integrá-lo em última instância, foi pago. Em outras palavras, a dor cava uma espécie de altruísmo elementar da sociedade com mito, não um altruísmo a um outro indivíduo, mas a um todo indeterminado que nos envolve, que ao mesmo tempo contém e está contido em cada um, mas que também nos escapa, nos ultrapassa. Dito de maneira breve, a fim

de, portanto, ter respeito pelo todo, que é a base fundamental da continuidade da cultura, é necessário um relativo desrespeito de si para o qual a dor é a inscrição por excelência. Digo “relativo”, por dar ao “si” aqui, o mesmo sentido dado pela modernidade ao indivíduo encerrado em si mesmo. Isso então, nos leva, facilmente, a entender bem aquilo que se costuma chamar na antropologia de “pequena morte” ou “morte simbólica”, comuns não só nesses momentos de narrativas memoriais, mas também nos ritos de iniciação/passagem como os que acabamos de relatar. Tal característica que aparece em Clastres de maneira significativa:

E nessa pseudomorte, nessa morte provisória [...] mostra-se claramente a identidade que o pensamento indígena estabelece entre nascimento e passagem: esta é um renascimento, uma repetição do primeiro nascimento, que deve portanto ser precedido de uma morte simbólica (2011: 109).

Assim como o poema de Wesendonck, citado nos estudos de Jung, também nos sugere uma rica alusão – “E se a morte só vida gera, / Dores só alegria trazem: / Oh como sou grato à natureza / Por tais dores me ter dado!” (WESENDONK *apud* JUNG 2011: 117). Uma ferida, portanto, que a princípio possa parecer para o mais asséptico dos analistas, uma falha, uma doença, serve de porta de entrada à alma do todo, cuja grandeza acaba por deixar marcas durante sua inserção. Complexificando, arrisco dizer que a cicatriz não é só a representação dessa comunhão com o todo, ela é o próprio todo ali feito presença (GUMBRECHT 2010). Tudo o que, portanto, confere à dor sua positividade original, trata de restituir um tipo de saúde difícil de ser compreendida pela mentalidade moderna, ou melhor, geralmente trabalha para o atamento do corpo e da alma, ao que Clastres (2011: 103) chamou de “unidade corpo-alma” aqui: “A boa saúde se mantém pela coexistência do corpo e da alma unificados na pessoa, a doença é a perda dessa unidade pela partida da alma. Tratar a doença, restaurar a boa saúde, é reconstituir a unidade corpo-alma da pessoa [...]”.

Está aí, então, precisamente o que eu chamei mais acima do necessário desrespeito de si para que haja respeito ao todo, ao mito, o que encontra também paralelo na psicologia, quando, ao ir em busca do que há de fundante nas coisas da psique, vai entender essas constantes

reaparições dos mitos e sua ainda contínua atuação, mesmo que clandestinamente nos dias de hoje, como indicativos do “homem original”⁴ (relevando todos os problemas semânticos e teóricos dessa expressão), que seria muito mais um homem mergulhado no coletivo, um homem mais em relação que em isolamento, muito mais junto que separado, para usarmos as mesmas metáforas que persigo neste artigo. É o que se pode entender também, quando Freud (2011: 85) fala sobre a “horda primordial”:

A vontade do indivíduo era fraca demais, ele não se arriscava a agir. Não se produziam impulsos que não fossem coletivos, havia apenas uma vontade comum, nenhuma singular. Uma ideia não ousava converter-se em ato de vontade quando não se sentia fortalecida pela percepção de sua difusão geral.

Todo tipo de positividade da dor, portanto, seriam reminiscências desse “homem original” ainda atuante, uma vez que reativa a superação do individualismo moderno pelo coletivismo arcaico que, claro, vem junto com o que ele tem de “melhor e de pior”, repetindo o que sempre relembra Maffesoli. No entanto, apesar de, como vimos, tanto o cotidiano das culturas jovens contemporâneas, não raro tratarem suas cicatrizes como troféus, assim como as histórias humanas mais antigas conferirem essa primitiva e elementar função à dor, este papel ficou adormecido durante a modernidade, época que se forjou sobre o triunfo do indivíduo autossuficiente, coerente e isolado em si mesmo. Foi na modernidade, então, que o indivíduo, pela razão que julgou ser sua propriedade, deixou de prestar contas ao mito, ao todo, e, rompendo com o mundo, perdeu de vista essa elementaridade da dor, conseqüentemente passando a sofrer mais com ela, a partir de então mais dramática que trágica. Tratando-a, então, como algo a ser superado em favor de um corpo seguro, de um corpo do “risco zero”, de um corpo separado do cosmos, o homem cavou fundo a sua própria assepsia. Foi provavelmente o mais longe que um regime da cisão chegou, tornando, por consequência, tudo aquilo que junta e complexifica, algo fora de lógica, loucura, selvageria, animalidade, adjetivos que serviram bem para desligar-se do seu inconsciente, o que explica a comum sensação de carregar um

estranho dentro de si mesmo e de nomear da mesma forma os torcedores que aqui me interessam. Mais uma vez, sobre isso, Nietzsche é eloquente:

Hoje, que se costuma invocar a dor como o primeiro argumento contra a existência, como o problema mais funesto da vida, bom será recordar aquele tempo em que se pensava o contrário, porque não se podia passar sem fazer sofrer e nisso havia uma diversão de primeira ordem, um verdadeiro regozijo na vida. (NIETZSCHE 2007: 65)

Estádios sem mito

Pois bem, é a partir desse bailar entre as forças de junção e de cisão tão presentes, como podemos perceber, nos estudos da antropologia e da psicologia que, a partir de agora, conduzirei uma reflexão sobre as bases *psicosociaisantropológicas*, dos projetos de novos estádios destinados a megaeventos de nosso tempo, como a Copa do Mundo de 2014 e a EuroCopa 2016 que se realiza na França e que vem provocando profundas mudanças no cotidiano de seus torcedores, em especial nos do Paris Saint-Germain. Durante minha pesquisa pude acompanhar um grupo de torcedores do PSG que hoje, por conta de tais mudanças que antecederam a EuroCopa 2016, boicotam o estádio de seu clube e empregam suas energias somente nos jogos fora de Paris. Viagens que fazem com o maior vitalismo, uma vez que lá sim, podem ainda se manifestar, não sem, contudo, terem que enfrentar duras repressões policiais.

Pois bem, para começar, trago para a reflexão três pontos centrais que servem de conceito em particular para a reforma do Maracanã, possivelmente o principal palco do futebol brasileiro, e que, de uma maneira ou de outra, estão também presentes em todas as demais construções e reformas de estádio em curso no país. Falo das expressões “conforto do torcedor”, “lugares marcados” e “visão completa do campo”, termos que apontam um desejo por uma mudança de paradigma na forma de torcer, mas que acabam camuflando, sob o relaxamento natural ao corpo que senta, seus reais impactos na experiência subjetiva.

Para ajudar-me na análise desses impactos, elegi um mobiliário específico como símbolo que, a meu ver, sintetiza bem esse elo velado entre a arquitetura e o *psíquicopolíticosocial* que é questão central na reflexão que proponho – a cadeira. Não é ela

que afastamos quando fazemos uma festa? Há alguma boate onde as cadeiras ocupem a pista de dança? Não foram os assentos também que o Rock extirpou de seus shows, haja vista que o espetáculo passava a incluir a interação com o fervor do público? Imagina um Baile Funk com cadeiras no salão. E sobre isso, quando Simmel estudou os agrupamentos, chegou a ser categórico ao afirmar que “sempre houve um elo estreito entre o grande número de pessoas reunidas para uma festa e o luxo, o prazer simplesmente sensual da reunião.” (2010: 104). Pois bem, o que quero dizer para início de reflexão é que não há festa efusiva onde houver cadeiras, isso por uma questão elementar da antropologia e da física – a festa e todos os seus exageros, enquanto fenômeno universal, só pode se dar com o afrouxamento da segurança de si. Em outras palavras, em favor de integrar-se a todos e ao todo, aceitam-se os riscos e os prazeres implícitos à festa, precisamente no mesmo sentido que, como vimos, a dor assume nos rituais de passagem. E nesse contexto, então, metaforicamente, levantar-se é entregar-se ao todo, já sentar-se, ou seja, voltar a si, só lhe é permitido após o total esgotamento, após ter de fato prestado contas ao todo, ao mito. Nesse sentido, vale lembrar o relaxamento comum ao final de todos os exageros de uma iniciação – o deitar-se de Baiano e Juliana no caminhão, para falar do nosso exemplo. Pois bem, no entanto, como já foi dito, é claro que o homem civilizado não se relaciona bem com essa ideia e resiste em aceitar a paradoxal fertilidade inerente à insegurança. Mais uma vez, é o entrelaçamento das forças de junção e de cisão que está em jogo, ora tendendo mais para lá, ora mais para cá e os estádios para os novos megaeventos, claramente tendem para lá, enquanto o cotidiano das torcidas, como já está evidente, são meu laboratório para perceber a atuação no nível do cotidiano do “para cá”, da junção portanto, já que esta, ao menos em nossa época, se revela ainda muito mais no nível do que é vivido do que no do que é dito.

Portanto, é no corpo que o cotidiano encontra seu local de inscrição fundamental, é ele que vai servir de terreno objetivo aos impactos desse nível do vivido. Para tal compreensão, uma fala do torcedor PiuPiu da Young Flu, em uma conversa descompromissada durante um

jogo de juniores nas Laranjeiras foi bastante significativa: “lembro de quando era moleque que queria voltar rouco do jogo, eu queria chegar na escola e mostrar que eu estava rouco. Eu chegava a continuar cantando em casa para ficar mais rouco ainda” (PiuPiu em conversa vivenciada em janeiro de 2012).

A rouquidão aqui, portanto, servindo como marca corporal da memória mais da comunhão coletiva que do jogo propriamente dito, e que será carregada até o dia seguinte para que o corpo, exibido a outros, no caso, aos amigos da escola, lhes transmita, pela teatralidade, alguns dos efeitos inebriantes ainda remanescentes do dia anterior. Todo esse papel do sensível, portanto, parece ser ator protagonista da junção social, como bem descreve Maffesoli (1990: 73)⁵, quando afirma que “o prazer dos sentidos é constitutivo do élan vital, ele faz sociedade, ele funda a socialidade primordial.”. O mesmo poder, portanto, de “delimitação individual” que Freud (2011: 35) dá ao prazer do coletivo:

...dificilmente os afetos dos homens se elevam, em outras condições, à altura que atingem numa massa, e é mesmo uma sensação prazerosa, para seus membros, entregar-se tão abertamente às suas paixões e fundir-se na massa, perdendo o sentimento de delimitação individual.

Voltando então ao empirismo da pesquisa, e até como maneira de refletir sobre o que pode vir a acontecer no Brasil com essa hegemonia das cadeiras como mobiliário por excelência dos receituários para os futuros estádios, tratarei do significativo momento que vem sendo vivido pelos torcedores do Paris Saint-Germain. Para que entendam brevemente o cenário, após a chegada do grupo de empresários do Catar ao clube, a proximidade da EuroCopa 2016, assim como a morte de um torcedor no começo de 2010, todas as torcidas foram extintas⁶, todas as faixas, bandeiras e fogos foram proibidos, os setores antes ocupados por elas, foram subdivididos e o sistema de venda de ingressos passou a ser aleatório, o que torna impossível ter a certeza de que você encontrará seus amigos no lugar de sempre. Em resposta a isso David, um dos torcedores, me confessou:

Roubaram minha casa. As escadas, os corredores, tudo virou cinza. Hoje eu não ligo mais para o resultado. Vou só em jogos fora de Paris e fico só cantando contra a

administração e contra os torcedores putos que ainda pagam ao clube. Se eu conseguir fazer isso e o PSG perder, eu me sentirei bem. (David em entrevista realizada em novembro de 2012)



Figura 3 Torcedores do PSG com quem viajei à Valenciennes

Tive então, a oportunidade, também, de viajar junto com um grupo de cinco torcedores, entre os quais David, para o jogo do PSG em Valenciennes contra o time da casa. É dessa viagem que trago um momento paroxístico. Apesar de David ter me dito que não liga para o resultado, é no cotidiano, no chão, que se atualiza aquilo que é dito. É nele, portanto, que se alimenta com a flexibilidade do complexo aquilo que na frase parecia categórico. Ou seja, apesar dos cantos de contestação como “Liberdade aos Torcedores⁷!” e “O Parc⁸ está Morto!”, a atmosfera do ambiente ocupado por aqueles que comungavam tal desejo de liberdade diante da repressão sofrida em “casa”, e ainda os sucessivos gols do PSG, que vencera o jogo por 4 x 0, deixavam escapar também o entusiasmo com o time. Mistura que resultava em comportamentos dos mais entusiasmados. Tal reverberação coletiva nos remete imediatamente ao que Freud (2011: 27), outra vez em seu estudo analítico sobre a obra de Le Bon, alertou, até de maneira generalista, sobre as características “baixas” da moral em indivíduos reunidos: “[...] todas as inibições individuais caem por terra e todos os instintos cruéis, brutais, destrutivos, que

dormitam no ser humano, como vestígios dos primórdios do tempo, são despertados para a livre satisfação instintiva.”.



Figura 4 Mais cadeiras quebradas em Valenciennes

E o foco que atraiu melhor essa energia em ebulição foi, a meu ver, não por acaso, as cadeiras que, claro, não eram utilizadas ali como assento, mas como plataformas para porem-se de pé. Logo, então, comecei a escutar algumas cadeiras sendo quebradas. O que foi pouco a pouco contaminando todos. As pessoas ou davam um pulo bem forte em cima da cadeira, o que a rompia, ou ainda chutavam mesmo com força a cadeira da frente. Logo David e os demais que eu acompanhava também estavam fazendo o mesmo. David chutou umas três cadeiras seguidas, virou-se para mim sorridente e disse.

– Quebrei três cadeiras!

Dei um sorriso, não sabia bem como reagir. Óbvio que as emoções exaltadas me interessam e claro que mesmo sem eu dizer isso, ele sentia. Portanto, minha presença ali influenciava claramente em sua potência destrutiva, já que me “presentear” com fervores de todo tipo, seria como incluir-me no mesmo cosmos. No entanto, evidentemente que não fui a razão de tudo. Acredito que sem minha presença, talvez ele tivesse quebrado uma ou duas a menos somente. E ele seguiu quebrando e me contando:

– Agora foi a quarta!



Figura 5 Contenção da polícia francesa

Antes do final do jogo, alguns acenderam sinalizadores que são equipamentos pirotécnicos hoje proibidos na França e interditados também no Brasil, e cuja função imaginária nas torcidas é universalmente forte, o que valeria uma comparação fértil entre o agrupamento de pessoas e o elementar papel que o fogo exerce no imaginário, sendo símbolo ambivalente de criação e destruição. Ao final do jogo, então, já com mais cadeiras destruídas que inteiras, a polícia nos encurralou no canto do estádio e nos fez aguardar por cerca de uma hora. Nessa situação, acuados, para minha surpresa, muitos começaram a pegar os pedaços de cadeiras e lançar contra os policiais. Acostumado que estou com a Polícia Militar carioca, imediatamente afastei-me, na convicção de que viriam nos reprimir com violência. Em todo caso, as cadeiras eram lançadas, xingamentos proferidos a poucos centímetros dos rostos dos policiais e a única reação que pude ver dos agentes, foi o uso do escudo evitando que a cadeira os atingisse. Sequer um passo à frente deram, mantendo imóvel a linha que nos cercava. Fiquei por ali, até que foi feita uma espécie de fila, a qual a princípio não entendi muito bem. Parecia que era apenas para nos conduzir à saída. No entanto, antes de sair por completo, cada um, inclusive eu, teve que retirar o capuz, os cachecóis, ou qualquer coisa que cobrisse o rosto, mostrá-lo a um policial que lhe diria se você poderia sair ou se seria conduzido à delegacia. Todos os que estavam comigo foram liberados e depois perguntei ao David:

– Por que tínhamos que mostrar o rosto?

– Eles estão sempre filmando e fotografando, então deviam ter alguns rostos já em vista, especialmente de quem acendeu os sinalizadores.

Saída individualizada mostrando aquilo que mais nos diferencia, ou seja, nossa face, que junto com a simbólica da cadeira, me servem para pensar a ambivalência psíquica da equação entre junção e cisão atuante nos projetos de novos estádios de nossos futuros megaeventos. Um paradoxo entre a necessidade de atrair uma grande quantidade de pessoas, o que é também razão de ser dos estádios, e ao mesmo tempo gerir os perigos dessa junção. Equação que por querer, portanto, juntar muita gente por meio de duras políticas de cisão, acaba por dar origem a uma espécie de esquizofrenia de uma arquitetura que originalmente deveria congrega, mas que acaba por preferir os torcedores mais individuais, cujo enlace não passe da simpatia/rivalidade clubística. Ou seja, para usar outra metáfora, preferem os torcedores que usam mais os olhos que o corpo, os que querem ter “visão completa do jogo” no lugar dos que querem viver a experiência da festa, a qual naturalmente não permite ver bem o jogo, que para eles importa também, é claro, mas não é, de certo, a única importância e nem mesmo a principal. As características, então, dos novos estádios que trago aqui servem de base à hegemonia da visão observadora, ao primado do olho, enquanto por outro lado, estar de pé é estar junto, é valorizar o tato, o corpo, o sensível e inclusive a própria visão sem lhe conceder, no entanto, o privilégio da hegemonia dos sentidos. Ficar de pé, como ficam os torcedores que pesquiso é, por fim, valorizar a experiência subjetiva do corpo que inclui a visão, resistindo à tendência hegemônica da visão objetiva sem corpo.



Figura 6 Torcedores do PSG em fila para controle policial

No entanto, tudo tem seu preço e é justamente a perigosa junção mítica necessária às festas mais entusiasmadas, e por fim à existência e durabilidade das culturas populares, que hoje os torcedores de todo o mundo ocidental, mesmo aqueles que torcem por equipes riquíssimas e vencedoras com o PSG, reclamam ter sido capturada pelos novos estádios, que aliás hoje andam inclusive abandonando esse nome, trocando-o por arena, numa mudança que também, a meu ver, é análoga e revela muito do que está em jogo nesse processo. Daí o boicote dos torcedores do PSG ao Parc des Princes e os recorrentes cantos que anunciam a sua morte junto às nostálgicas histórias de um tempo passado, de um tipo de alma original que fora dissipada. Talvez seja a primeira vez na história humana que estádios estejam sendo construídos com um objetivo assumidamente antagônico àquela que é sua vocação fundamental – a experiência do coletivo –, em dissonância, portanto, justamente com os humores humanos que deram as forças imaginárias de base para que tal arquitetura fosse coletivamente desejada e possível. Desde a saída do metrô, do trem, do ponto de ônibus ou do estacionamento até o seu assento, espalham agentes sorridentes e bem-educados perguntando se precisa de alguma ajuda, fazendo-nos ter que responder um “não, obrigado”, se mantivermos também nosso polimento, ao menos umas 20 vezes antes de chegarmos à arquibancada, no que chamei em conversa com um amigo de projeto de formação de um “torcedor mimado”. E voltando ao “enigma” do mito,

trata-se de um projeto que se empenha no desvelamento completo do estádio, retirando todas as suas pregas, todas as dúvidas de por onde chegar, por onde passar, por onde não passar, qual portão entrar, como não encontrar com rivais, como se precaver. Hoje, nem mesmo o seu ingresso você passa no sensor com suas próprias mãos, tendo um agente auxiliar pago precisamente para fazer isso por você sorrindo e ainda empurrar a catraca evitando seus esforços, fazendo da experiência de ir ao estádio um continuísmo, se possível, sem qualquer desajuste. Em todo caso, os efeitos desse projeto minucioso de apaziguamento da experiência estádio, desmistificando-o, fazendo do conhecimento de seus detalhes e rituais próprios, algo desnecessário para acessá-lo, é o de ver enfraquecer-se sua condição de “templo”, ou seja, é trabalhar contra toda a potência ancestral de enigma, própria das bases imaginárias de sua arquitetura. É gerir com mesquinhez o que lhe dava a condição de forte imanência do inesperado, do imprevisível, alimento fundamental que todo estádio precisa para seguir ativo nesse jogo intenso com o torcedor, lhe oferecendo tanto o acolhimento quanto a ameaça de dilaceração. Por fim, é esta sua razão de ser, para a qual, de fato, todo o ideal da família burguesa branca que passeia aos domingos em segurança, e que vem povoando os desejos incessantemente repetidos de “retornos das famílias aos estádios”, é mais um espantinho inventado nesse processo de deslegitimação dos humores populares, justamente os mesmos que embeberam o futebol e fizeram dele em nosso país muito mais que um esporte, uma expressão eloquente de saberes populares. Ouso dizer assim, então, que quando defendem, da maneira como fazem, a presença da família nos estádios, e em paralelo, a criminalização do corpo jovem desgovernado, desenhando a arquitetura e o acesso ao estádio a partir dessa agenda, estão ao mesmo tempo numa luta que por fim é também contra a condição de cultura popular do futebol. Não por acaso, como vimos, os torcedores parisienses que pesquisei dizem que o “Parc está morto”, enquanto os cariocas que convivo afirmam “Maracanã R.I.P.”.

Resta torcer para que a cultura popular, a despeito de todos os obstáculos transfigurados de conforto, inunde ainda assim esses estádios com o que ele afirma não desejar mais, e é aí que, a meu ver, não há agente mais potente que as Torcidas Organizadas para balançar esse coreto.

Pois bem, levando a psicologia e suas inspirações na antropologia para pensar a arquitetura e as políticas de megaeventos, em especial as que envolvem os estádios de futebol, podemos falar do surgimento dos possíveis “estádios sem alma” que para Jung seria o mesmo que dizer “estádios sem mito”. Transcrevo então o que ele disse quando tratou de caracterizar o homem sem mito: “Ele é, na verdade, um erradicado, que não tem contato verdadeiro nem com o passado, a vida dos ancestrais (que sempre vive em seu seio), nem com a sociedade humana do presente. [...] A alma não é de hoje! Sua idade conta muitos milhões de anos.” (2011: 13)

Há, portanto, no dito, no que serve de linha mestra à construção dos estádios e às políticas policiais, uma episteme moderna, racional e consciente que vai privilegiar a ordem e a segurança, enquanto no cotidiano ritualístico do torcedor do tipo que pesquiso, o que está em jogo é uma maior aceitação da insegurança como preço a ser pago por integrar o sensível e seus contágios. Relação que fora bem descrita por Maffesoli e que nos serve para pensar a cadeira/visão/indivíduo/razão seguro e o corpo/tato/coletivo/mito perigoso:

Tudo o que é relacionado ao corpo é negado ou relegado à esfera da vida privada, de uma parte, por ele ser imprevisível, um pouco caótico e nunca completamente domesticado, de outra parte por conta da impureza real ou potencial à qual ele está sempre tributado (1990: 63)

Podemos dizer, então, que há uma espécie de duelo travado na vida psíquica do homem e em tudo o que o homem faz, inclusive estádios, que se dá entre a vontade ambígua do consciente em querer se desatar do inconsciente e vice-versa, mas ao mesmo tempo um sendo atraído pelo outro. Em algumas épocas e momentos eles se afastam mais, para em seguida o outro recobrar seu lugar, o que fica evidente no paradoxal efeito que as arquibancadas cheias

nos provocam, sendo ao mesmo tempo encantadoras e assustadoras, fato também evidente no uso das imagens das festas dessas torcidas pelos mesmos meios de comunicação com a finalidade de promover um jogo, usando inclusive os áudios de seus cantos, para na sequência esquizofrenicamente acusar esses mesmos grupos de serem a causa do afastamento das famílias dos estádios. Nas palavras de Jung:

Quer me parecer contudo que é antes a autorrepresentação da nostalgia do inconsciente em sua busca insaciada e raramente saciável pela luz da consciência. Esta, porém, sempre em perigo de ser enganada por sua própria luz e transformada em fogo fátuo, anseia pela força salutar da natureza, pelas raízes profundas do ser e pela atordoante comunhão com a vida de incontáveis criaturas (2011: 244).

Referências bibliográficas

- CLASTRES, Pierre. 2011. *Arqueologia da violência – pesquisas da antropologia política*. São Paulo: Cosac Naify.
- DURAND, Gilbert. 2002. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arquetipologia geral*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- DURKHEIM, Émilie. 1996. *As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico da Austrália*. São Paulo: Martins Fontes.
- FREUD, Sigmund. 2011. *Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. 2010. *Produção de presença: o que o sentido não consegue transmitir*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio.
- JUNG, Carl Gustav. 2011. *Símbolos da transformação: análise dos prelúdios de uma esquizofrenia*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes.
- LE BON, Gustave. 2008. *Psicologia das multidões*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes.
- MAFFESOLI, Michel. 1990. *Au creux des apparences : pour une éthique de l'esthétique*. Paris : Plon.
- NIETZSCHE, Friedrich. 2007. *A genealogia da moral*. São Paulo: Escala.
- NIETZSCHE, Friedrich. 2007a. *Humano, demasiado humano*. São Paulo: Escala.
- SIMMEL, Georg. 2010. *Sociologie: Études sur les formes de la socialisation*. 1^{er} édition. Paris : Quadrige.

DADOS DO AUTOR

Doutor em Educação. Professor Adjunto da Faculdade de Educação da UERJ, área de Educação Estética. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas - FEBF/UERJ. Documentarista, diretor do filme "Luz, Câmera, PICHAÇÃO" (Prêmio Manuel Diegues Jr. 2011 - Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular-CNFCP). E-mail: coelhoguga@gmail.com

¹Vejam aqui que não por acaso, o fundo serve bem de local a tais preparativos.

²Ainda que você nem pratique o Jiu-Jitsu, mesmo assim, ali, o seu anúncio alimentava o imaginário do guerreiro.

³Ver nota 2.

⁴ Expressão comum na teologia.

⁵ Todas as citações dessa obra foram feitas com tradução livre a partir da edição francesa.

⁶Chamo de “torcida” para facilitar a reflexão proposta. No entanto, na França, como em toda Europa, não se usa essa expressão que é de fato brasileira, mas sim os diferentes termos ULTRAS, Indeps, Hooligans cada qual com diferenças e semelhanças de fato complexas e que dariam um outro estudo.

⁷Ver nota 48.

⁸Parc é como chamam o Parc des Princes, o estádio do Paris Saint-Germain.